

Cooperativismo e Universidade: uma perspectiva axiológica para a efetiva construção da cidadania

José Eduardo Miranda¹
Andréa Souza Corrêa Lima²

Recibido: 20.06.08
Aceptado: 25.07.08

Sumário: 1. Ponderações iniciais;—2. O avanço operacional na órbita do contexto universitário brasileiro: a hodierna prevalência do sistema nacional de avaliação da educação superior;—3. A cooperação no ambiente universitário: a importação de uma experiência passada como passarela axiológica à consignação de um novo paradigma;—4. A inserção dos valores cooperativos no contexto da formação universitária;—5. A título de conclusão;—6. Referências bibliográficas.

«Não é de se esquecer que a ação educativa é uma ação humana por excelência»

*Egídio Schmitz*³

1. Ponderações iniciais

Ao considerar que o século XXI traz em seu bojo uma perspectiva de alterações sócio-político-econômico-tecnológicas de alcance global, que afetam e desorganizam a estrutura das diferentes classes sociais, a formação universitária deve superar a inquietude extrema pelas demandas setorializadas do mercado de trabalho e estabelecer-se a partir de uma concepção cidadã.

Por esta trilha, reedita-se o significado minimalista da educação superior como ferramental capacitador de mão-de-obra específica, e se redimensiona seu desígnio no sentido de majorar a valorização da pes-

¹ Doutorando em Direito, Diretor da Faculdade de Aracruz.

² Doutoranda em Direito, Chefe do Departamento de Ciências Jurídicas da Faculdade de Aracruz.

³ SCHMITZ, Egídio. *Fundamentos da didática*. São Leopoldo: Unisinos, 1993. P. 11.

soa humana, aquilatar a identidade do universitário com o entorno onde se encontra inserido, e aprimorar o interesse do acadêmico pela supressão das necessidades e desejos de seus comuns.

Tendo em vista, assim, que a educação universitária se apresenta no espaço e tempo adequados à retomada da autoconsciência, a Universidade deve permitir que o indivíduo coteje os atributos de sua própria personalidade, e percorra caminhos de crescimento que levam tanto à auto-realização como a integração criativa e responsável com o meio do qual faz parte.

É neste sentido que a inserção do Cooperativismo no ambiente universitário viabilizará a democratização do ensino de terceiro grau, e permitirá que as Universidades alcancem o fim maior de formar profissionais aptos à transformação de saberes, engajados com o meio e comprometidos com o desenvolvimento da pessoa humana.

2. O avanço operacional na órbita do contexto universitário brasileiro: a hodierna prevalência do sistema nacional de avaliação da educação superior

Um singular exame do atual contexto do ensino superior brasileiro é suficiente para revelar que, ao longo da última década e meia, o número de instituições privadas de educação superior cresceu consideravelmente.

Adstrita a esta conjuntura, o cenário nacional traduz que a política da educação de terceiro grau concentra seus esforços unicamente na majoração da oferta de cursos e vagas acadêmicas.

Relativamente aos domínios da ação universitária, a postura tradicionalista buscou preservar a aparência de que a razão maior da Universidade é o saber. Saber ensinar, saber aprender, saber desaprender para aprender a aprender. Saber, simplesmente, como elemento intrínseco à produção, transformação e difusão do conhecimento.

Limitada ao princípio geral do saber, e vítima do convulsivo aumento de Instituições de Ensino Superior, a Universidade esteve prestes a esgotar-se em si mesma. Sua soberana existência altercou-se constangedoramente, e seu fim precípuo foi condicionado ao desenvolvimento de profissionais detentores de um conhecimento determinado, indispensável ao exercício de uma ocupação específica.

Refém desta realidade, a Universidade foi re-estudada e fez-se alvo de um artifício reformista que culminou pela edição da Lei 10.861/2004, responsável pela implantação do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES).

Hoje, e como causa da normatização do SINAES, a Universidade se envolve em um processo avaliativo que busca mensurar os indicadores de qualidade relativos à educação superior; à expansão de sua oferta; à eficácia institucional e efetividade acadêmica; e, à promoção e aprofundamento dos compromissos e responsabilidade social.

Na trilha desta nova perspectiva, o espírito universitário suplanta a fenomenologia do conhecimento-saber como motivo absoluto de existência da Universidade para a formação de profissionais conteudistas, e repousa sobre um alicerce axiológico que sustenta uma gênese universitária cujo *ethos* determina que a formação acadêmica ultrapasse as fronteiras institucionais para percorrer pelas diferentes situações e demandas do entorno que circunvizinha a estrutura física do ente universitário.

3. A cooperação no ambiente universitário: a importação de uma experiência passada como passarela axiológica à consagração de um novo paradigma

Já se disse, em outra oportunidade, que desde a época em que se tem notícia do Homem mais antigo, a convivência Humana se basta em grupos rudimentares que praticam a cooperação sob a forma de ajuda mútua⁴.

A impossibilidade natural de viver isolado determinou a necessidade de o Homem desenvolver relações de colaboração com seus comuns. Primeiro, as aproximações tomam forma de apoio para enfrentarem-se determinadas ações dentro da família, e depois são articuladas em meios mais amplos e de maneira mais complexa, envolvendo agentes que se unem não apenas por derivação consanguínea.

Sem embargo, ao longo do desenvolvimento da Humanidade, ocorreram enfrentamentos entre as classes marginalizadas e a classe detentora do poder econômico⁵. O enfrentamento máximo acontece com a maximização de posições que situa, de um lado, aqueles que procuram aumentar seu poder, criando teorias de maior benefício, e, de outro, os degradados, que subvertem a ordem social através da formulação de teorias socialistas utópicas.

⁴ MIRANDA, José Eduardo. *A mediação cooperativa como instrumento par a solução de conflitos: uma proposta para prevalência dos valores co-operativos*. Boletín de La Asociación Internacional de Derecho Cooperativo. Bilbao: Universidad de Deusto, 2005. p. 95.

⁵ COADY, M. *Dueños de su propio destino*. Buenos Aires: Intercoop Editora Cooperativa Limitada, 1964. p. 21

Imerso num mundo em crise, o Homem busca uma solução que não seja apenas paliativa para o mal de todos...

Frente à sede de justiça e de reforma social que se adverte em extensos setores da população, não existe mais remédio que o abandono das tradicionais soluções capitalistas do momento em favor da busca de outros sistemas sociais que respondam aos males sobre os quais se encontra uma parcela da sociedade.

Neste contexto a cooperação é reeditada como o remédio para combater enfermidades sociais⁶. Ao contrário de perfilhar-se na medida em que as circunstâncias vão se apresentando, a cooperação evolui de acordo com as penúrias individuais e estabelece a necessidade geral dos Homens associarem-se entre si⁷.

No princípio, a ajuda mútua, a solidariedade e a responsabilidade coletiva se mostram esporádicas e informais, e amadurecem lenta e sistematicamente, progredindo através dos tempos em um ciclo evolutivo que culmina com as diferentes formas associativas que se vê presente nos dias de hoje.

Superados os transe sócio-econômicos instaurados ao longo do processo histórico-evolucionista do Homem em sociedade, a cooperação se firma como a solução mais eficaz para efetuar uma reforma profunda na sociedade, sem violência e sem destruição, respeitando sempre e em todo o lugar a integridade física e moral da pessoa humana.

No apogeu dos mais dramáticos efeitos da Revolução Industrial, a cooperação se afirma como o instrumento apto à socialização dos mecanismos de produção que se desenvolvem sob o princípio liberal constitutivo e de funcionamento empresarial⁸.

Desde o mais remoto registro de ação coletiva e gregária do Homem se pode observar que os melhores propósitos da cooperação ultrapassam o objetivo aparente de promover a satisfação individual das pessoas que se agrupam. Sua finalidade maior é, por assim dizer, promover o progresso, o bem-estar e a transformação moral do Homem.

É neste sentido que, ao programar a ação cooperativa no contexto de formação dos universitários, a Universidade tanto desvela seu caráter transformador, de preocupação cidadã, como estampa sua vocação

⁶ PEREZ GRACIA, J. *Iniciación al cooperativismo*. Zaragoza: Federación Nacional de Cooperativas de España-Centro Nacional de Educación Cooperativa, 1975. p. 9.

⁷ ABAD COLAS, G. *La empresa cooperativa*. Zaragoza: Centro Nacional de Educación Cooperativa, 1977. pág. 5.

⁸ PREUSS, W. *El cooperativismo en Israel y en el mundo*. Tel-Aviv: Centro de Estudios Cooperativos y Laborales, 1966. p. 16.

para formar profissionais imbuídos do efetivo exercício da cidadania, com espírito cívico, consciência histórica e responsabilidade social.

4. A inserção dos valores cooperativos no contexto da formação universitária

Ao consagrar-se a Universidade como entidade formadora e multiplicadora de opinião, o século XXI aponta à consolidação das entidades universitárias como agentes democráticos responsáveis pela integração do Homem com seu meio.

Neste sentido, a função soberana da Universidade ultrapassa a primariedade da consumação do saber e da consecução de mão-de-obra, e alcança o intuito supremo de formar um cidadão engajado com o meio, apto ao exercício de leituras sociais que o permitirão colaborar com a melhora do mundo que o cerca.

Sob esta ótica, encontramos nos valores enumerados ao longo da Declaração sobre a Identidade Cooperativa, de Manchester, os preceitos adequados ao levante de um novo padrão educacional que permita ao egresso universitário colaborar com a solução das necessidades materiais do Homem, participando de sua transformação moral.

E isto se percebe possível já pela adequação dos preceitos axiológicos que a Aliança Cooperativa Internacional edificou como suporte de resgate da identidade cooperativa, eis que os mesmos estão sub-rogados ao próprio comportamento do ser humano⁹, uma vez que todo Homem, em sua maneira de pensar, sentir e atuar está sob a influência de determinados valores¹⁰.

Portanto, e importando o ideal axiológico que outorga identidade à sociedade cooperativa, a educação superior deveria implementar nos programas de ensino das diferentes disciplinas integrantes das matrizes curriculares dos diversos cursos a disseminação sistêmica da ajuda mútua, da auto-responsabilidade, da democracia, da equidade, da igualdade e da solidariedade.

Seguindo a tradição cooperativa, os estudantes universitários farão seus os valores éticos da honestidade, da transparência, da responsabilidade e da vocação social.

⁹ HERNÁNDEZ, H. H. *Valor y derecho. Introducción a axiológica a la filosofía jurídica*. Buenos Aires: Abeledo-Perrot, 1998. p. 67.

¹⁰ MORALES VALLEJO, P. *Pedagogía de la actitud y valores*. Madrid: AFS, 1988. pág. 2; y ODELSON SCHNEIDER, J. y RIZZO, V. «Los valores cooperativos en la formación» en *VI Conferencia General del Acecoop*. Madrid, 1989. p. 30-35.

Este novo perfil, ademais de corroborar a conformação dos predados profissionais, viabilizaria a adequação formadora a partir de competências e habilidades intrínsecas ao desenvolvimento absoluto do cidadão.

5. A título de conclusão

A educação, sem qualquer dúvida, perfaz elemento intrínseco à vida do ser humano, mostrando-se presente em todas as etapas de seu desenvolvimento.

Atualmente, a educação tende a soterrar seu aspecto clássico-tradicional de ser um processo mecanicamente voltado à preparação do sujeito para a vida e para o mercado de trabalho, e passa a ser balizada em conjunto com as demandas sociais, de maneira que integre o educando em seu contexto sócio-econômico-político-cultural.

Relativamente à educação superior, parece oportuno sinalizar-se que as Universidades são organizações abstrusas não apenas por sua atuação de aspecto especializado (na formação de profissionais provenientes de cursos específicos), mas, sobretudo, pelo fato de levarem a termo o desenvolvimento de ações múltiplas que inter-relacionam o objetivo de sua própria existência (relativas ao ensino, pesquisa e extensão).

Por isto, o modelo universitário carece de transição, e muito cresceria ao permitir o incremento axiológico da cooperação no contexto marcado pela diversidade.

Tendo em vista que os valores cooperativos estão adstritos ao poder de resposta e preocupação de um pelos demais, ou de todos pelo entorno, tem-se que ao associar o formar, com o preocupar-se e responder, a Universidade tanto desvelará seu caráter transformador, de preocupação cidadã, como estampará sua efetiva e muito sólida vocação para formar profissionais imbuídos do exercício da cidadania, com espírito cívico, consciência histórica e responsabilidade social.

6. Referências Bibliográficas

- ABAD COLAS, G. *La empresa cooperativa*. Zaragoza: Centro Nacional de Educación Cooperativa, 1977.
- COADY, M. *Dueños de su propio destino*. Buenos Aires: Intercoop Editora Cooperativa Limitada, 1964.
- HERNÁNDEZ, H. H. *Valor y derecho. Introducción axiológica a la filosofía jurídica*. Buenos Aires: Abeledo – Perrot, 1998.

- MIRANDA, José Eduardo. *A mediação cooperativa como instrumento par a solução de conflitos: uma proposta para prevalência dos valores co-operativos*. Boletín de La Asociación Internacional de Derecho Cooperativo. Bilbao: Universidad de Deusto, 2005.
- MORALES VALLEJO, P. *Pedagogía de la actitud y valores*. Madrid: AFS, 1988.
- ODELSON SCHNEIDER, J. y RIZZO, V. «Los valores cooperativos en la formación» en VI Conferencia General del Acecoop. Madrid, 1989.
- PÉREZ GRACIA, J. *Iniciación al cooperativismo*. Zaragoza: Federación Nacional de Cooperativas de España-Centro Nacional de Educación Cooperativa, 1975.
- PREUSS, W. *El cooperativismo en Israel y en el mundo*. Tel-Aviv: Centro de Estudios Cooperativos y Laborales, 1966.
- SCHMITZ, Egídio. *Fundamentos da didática*. São Leopoldo: Unisinos, 1993.

